

# O COMÉRCIO DA PÓVOA DE VARZIM

Director, Editor e Proprietário  
MANUEL AGONIA FRASCO

JORNAL REPUBLICANO E DEFENSOR DOS INTERESSES LOCAIS

Redacção e administração  
Officinas do «Comércio»

## Opiniões acêrca das obras do nosso pôrto

por VASQUES GALAFATE

Como já aqui disse várias vezes, anda travada viva, mas correcta, discussão entre os Engenheiros Duarte Abecassis e Vieira Barbosa, á volta dos projectos dos portos de Leixões e da Póvoa, na Revista da Ordem dos Engenheiros. Começou esta discussão por um artigo do Eng. V. Barbosa, inserido no n.º 6 da referida Revista, de Novembro/Dezembro de 1943. Pois, no n.º 19, de Julho de 1943, ainda o mesmo Engenheiro volta á carga com mais «Considerações acêrca de alguns problemas de assoreamento», onde, entre outras coisas, diz o seguinte, relativamente ao nosso pôrto:

«O Eng. Abecassis fala com segurança do regime aluvionário local; como o estudaram? Presumo que, em face do que aconteceu, depois de uma doca transformada em vasta praia de areia, a gritar uma razão contrária áquelas que existem nos projecto-bases. Creio do maior interesse desmentir concretamente o que affirmo!

«Pode o Eng. Abecassis apontar, nos projecto-bases, as previsões do assoreamento que se deu dentro das hipóteses que aceitou depois de ele se ter dado?

«Tem o Eng. Abecassis cálculos prévios que permitissem avaliar do possível carreamento das aluviões, seu custo de remoção, e que permitissem dizer que a solução mais económica foi a adoptada?

«Consegue o Eng. Abecassis mostrar estudos de maior monta no que respeita ao regime aluvionário do pôrto, provenientes de observações numerosas e de medidas sistemáticas como adiante refero?»

Compreender-se ao melhor estas perguntas, sabendo-se que o Eng. Duarte Abecassis havia dito, antes, na mesma Revista, que o grande assoreamento do pôrto da Póvoa tinha sido previsto, no caso de se construir o molhe norte, sem o molhe sul. E, se, no entanto, se adoptou esta solução (construir o molhe norte sem o molhe sul), foi «por motivos de ordem financeira». Mas, logo «se considerou (...) que o beneficio que (desta solução) resultou para a navegação de pesca por uma incontestável grande melhoria das condições de sua segurança teria que ser pago com a remoção futura, construído o molhe sul, de um volume apreciável de areias.» (Rev. cit., n.º 7, Jan./Fev. 1944, pag. 47.)

Este «volume apreciável de areias» é computado pelo Eng. V. Barbosa em centenas de milhares de metros cúbicos; e, se estava previsto muito antes de se iniciarem as obras da primeira fase do nosso pôrto, então — pergunta o mesmo Engenheiro — foi voluntariamente que se consentiram tão grandes assoreamentos? Se assim foi, ¿quais os estudos comparativos das diversas soluções que se propuseram? ¿Onde se demonstrou ser mais económico deixar assorear toda a doca, e todo o ancoradouro do que procurar atender ao problema no seu conjunto, de modo a não obter aquilo a que se chama uma incontestável grande melhoria das condições de segurança para a navegação de pesca, á custa de uma perda da parte mais importante do pôrto?»

«Facilmente se deduz destas pa-

lavras que o Eng. Vieira Barbosa não acredita que houvesse quaisquer previsões respeitantes ao assoreamento actual, nem estudos nenhuns nesse sentido. E, por isso, escreve, na pag. 366: «Quer com respeito a este pôrto (já Póvoa), quer com respeito ao de Leixões, não há em parte alguma — repare-se no que affirmo: em parte alguma — uma palavra que leve a prever tão graves perdas de fundos...»

E desafia a que o desmintam com provas á vista. Assim: «Os estudos prévios a que as dúvidas do Eng. Vieira Barbosa se referem estão aqui! Tudo mais — diz elle — só servirá «para tentar justificar um mau critério a que se foi conduzido por falta de ponderação do problema.»

Estranha que ninguém houvesse alludido á corrente S N, antes de ela ter areado a doca e grande parte do ancoradouro, a pesar de tam notória a sua influencia.

Na sua opinião, ter-se-iam evitado semelhantes percalços, se se tivessem feito os tais «estudos de maior monta no que respeita ao regime aluvionário do pôrto, provenientes de observações numero-

sas e de medidas sistemáticas...» De que natureza seriam esses estudos?

«De natureza geológica, hidrográfica e meteorológica.»

E, a-proposito, pergunta — por sinal, num tom de quem tem a certeza de não obter resposta: «Quem os fez? Onde estão registados?»

«O que se sabe das vagas, das marés, dos ventos, das correntes de superficie e de fundo (periódicas, gerais ou acidentadas), bem como das relações que podem e devem existir entre estes diversos fenómenos? Quem fez estas medidas? Quem as colligiu? Quem as interpretou?»

«Onde estão os estudos sistematicos sobre o movimento das areias, em qualidade e quantidade, numa área de interesse para o pôrto, que permitissem conhecer o regime aluvionário local? ¿Que processo de medição se adoptou? ¿Em que época se fizeram? ¿Quais as brigadas que as realizaram? ¿Onde podem ser vistos, examinados e apreciados?»

«Onde se encontram os relatórios referentes ás análises de natureza mecânica, química, física, mineralógica das amostras das alu-

viões necessariamente colhidas e estudadas para bem conhecer as leis complexas que presidem ao seu transporte?», Etc., etc., etc.

Perdoem-me estas longas transcrições, mas, como se trata duma discussão entre Engenheiros, achei mais conveniente este processo. Desta feita, não haverá recio de que eu tenha alterado os factos, por incompreensão; e, por outro lado, ninguém se tirá de mim, por me meter a tocar um instrumento para que não tenho embocadura.

E, agora, pergunto: ¿Deve-se tirar, do que se fica exposto, uma conclusão pessimista? De modo nenhum.

O Eng. Duarte Abecassis acha que há exagero n'as «Considerações acêrca de alguns problemas de assoreamento» do Eng. Vieira Barbosa; e isto basta para nos inspirar confiança, tanto mais que não se trata de defesa própria, pois elle declara, na primeira réplica áquellas considerações, que não teve qualquer intervenção, nem no parecer favorável emitido sobre o projecto do pôrto da Póvoa de Varzim pelo Conselho Superior das Obras Públicas em 1929 nem na resolução para a construção do molhe norte do mesmo projecto, tomada em 1935.

Além disso, a sua opinião é francamente optimista, quanto ao êxito final das obras do nosso pôrto, construído o molhe sul, prolongado o molhe norte e desassoreada a enseada, em termos de ella ficar como antes das obras que se iniciaram há uns 10 anos.

Continua na página 4

### Embaixada Britânica

Comunicam-nos dos Serviços de Imprensa da Embaixada Britânica, junto do nosso Governo que o sr. Horace Zino assumiu o cargo de Adido de Imprensa, em substituição do sr. Stephen Lockhart, que vai desempenhar funções idênticas na Bélgica.

«O Comércio da Póvoa» felicita o novo Adido de Imprensa da nobre nação inglesa e deseja lhe as maiores prosperidades no desempenho do seu alto cargo.

### Alfredo Pinto

De regresso das Pedras Salgadas, onde passou uma temporada, não quis partir para a capital sem visitar a Póvoa e os muitos e dedicados amigos que aqui conta, o nosso querido amigo sr. Alfredo Pinto que prestou, em anos atrás, assinalados serviços a esta terra que muito o admira, e ás nossas casas de beneficência que muito lhe devem pelo muito que por elas fez.

Pela sua residência na capital têm passado innumeros pôvovos que procuram o sr. Alfredo Pinto para os ajudar a remover dificuldades, conseguir benefícios, sobretudo os nossos pescadores quando vão ou vem das nossas possessões africanas.

O «Comércio da Póvoa», que conta Alfredo Pinto no número dos seus mais dedicados amigos, congratula-se por o ver na sua terra, bem disposto e de última saúde.

### Recelha de netas

Até 20 do corrente são retiradas da circulação as seguintes notas: Mil escudos, effigie Sá da Bandeira, chapa 4; de 500 escudos, chapa 4, Duque de Palmela; de 100, chapa 4, Gomes Freire; de 50, chapa 4, Borges Carneiro, e chapa 5, Duque de Saldanha.

## Uma explicação

O «Comércio da Póvoa» tem muitos colaboradores que nos seus escritos manifestam opiniões sempre discutíveis e que de modo algum implicam responsabilidade da sua direcção e redacção.

O facto de ser publicado certo escrito não quer dizer que a direcção aplauda ou concorde com as ideias de tal ou tal colaborador. E quando muito uma maneira de sermos tolerantes a nosso modo, respeitando opiniões alheias quando ellas não vão contra o decôr e contra a nossa maneira de ver, contra os nossos ideais, batrismo ou patriotismo.

Só somos intransigentes com Doutramentos em MANUEL PINTOR todos os géneros RUA DA IGREJA—PÓVOA DE VARZIM

### Instituto de Socorros a Náufragos

Visita a Póvoa dum seu delegado

Estive há dias na Póvoa um delegado do Instituto de Socorros a Náufragos, que veio propositadamente fazer entrega ao sr. Commandante Sousa Pinto dos diplomas e medallhas de ouro de benemerência com que a Commissão Central do mesmo Instituto agraciou ultimamente s. ex., o nosso querido amigo sr. Artur Aires e o Club Naval Povovense, cujos altos serviços prestados á Póvoa em anos passados já mais podem ser esquecidos.

Associado-nos a essa manifestação de reconhecimento prestada pela Commissão Central de Socorros a Náufragos ás individualidades acima citadas e cujos serviços prestados bem mereceram a honra da distincção agora concedida.

aquilo que belisque ao de leve com a nossa dignidade ou com a nossa honra. Nas outras coisas admitimos as opiniões alheias, divergências mesmo politicas ou religiosas quando apresentadas em termos de tolerância e compreensão.

Vem isto a propósito dum pequeno artigo aqui publicado no ultimo numero sobre barracas na Praia de Banhos.

Quem dirige o «Comércio» de modo algum pode solidarizar-se com as ideias ali expostas porque são antiquadas e disparatadas. É uma opinião pessoal dum nosso colaborador e só por isso a respeitamos.

Quanto á essência da questão, quem escreveu o que acima referimos, não tem, em nossa opinião, razão alguma. A razão está do lado da Capitania do Pôrto (e não isto no vai adulação nenhuma), pois tem o apoio de toda a Póvoa e da colónia balnear pela maneira criteriosa como tem organizado o serviço de abarracamentos.

Foizamos imenso em manifestarmos publicamente ao Ilustre capitão do pôrto sr. Commandante Sousa Pinto, estas palavras de justiça, aliás espontâneas e que nos saem do coração.

E por último fazemos esta affirmacão para evitar futuros equívocos de nos suporem solidários com idéas as opiniões aqui publicadas: — Idéas as passadas, em termos correctos, podem vir ao nosso jornal expôr as suas opiniões, embora contrárias ao que antes aqui se tenha escrito, desde que venham assinadas e a direcção deste jornal lhes reconheça categoria para o poder fazer.

### COBRADOR

Precisa a Liga dos Combatentes da Grande Guerra, desta villa. Prefere-se sócio ou filho de sócio. Falar com a Direcção da mesma Liga.

## Boletim... do Bom Senso

Os «Garajaus» da Póvoa

Na minha terra o verão chega com os garajaus e despede-se quando os garajaus se despedem em busca de estação mais doce. Simpáticos, alegres, bulhentos e travessos, essas andorinhas do mar, vêm todos os anos poisar nas escarpas da costa quando sopram os primeiros báfos quentes do estio.

Chegam em bando; surgem de um dia para outro e, com grande alarido, escolhem o local, estabelecem seus arraiais e ali passam uns meses em constante algazarra de feia, com suas penas brancas a balar sobre o negro da penedia. Depois ora se lançam pelo azul dos céus com o seu voo nerioso, ora *pl-am* como *spiffires* em miniatura sobe e *sub-tergibels* minúsculos de escamas pretas.

Mais tarde, com os primeiros arrepios do tempo, os garajaus partem. Partem num certo dia e si vão elles outro e si mor em alguma das novas declives, deixando a costa triste, batida pelos primeiros vagalhões.

Os banhistas da Póvoa do Mar fazem-me lembrar os garajaus. Chegam em bando como elles, e vão-se a sol sobre as areias: normas, banham-se na onda branca e azulada, e como elles, em bando partem para seus destinos.

Poucos ficam depois da grande abalada de Agosto. Estes em breve emigram e... e praia que teve a nota alegre da branura de barracas e movimento de formiguaria, ficando quedendo ao sol doirado do verão... também vai ficar triste... como a costa da minha terra quando partem os últimos garajaus.

Depois... Depois é o Inverno. Como a praia deserta, como campo de feira levantada, a explundia sem luz, sem a mística dos raios amarelos e por amor dedicados, ficam em vana barbaque da turba que irreverentemente se acovela, com tombolas atordadoras no Casino a Póvoa, sem despojava, recolhe a seus penates, prepara o seu braço contra as frieiras e, ergodada as últimas novidades da época balnear, volta os olhos enfastiados para a via de *inter-muros* e aguçá a imaginação para a má-fogaa de trazer por casa.

«Ao canto do Café volta a bocejarse a co-turarse e a mexicax-se pacificamente, ingenuamente, durante as longas tardes de páldio sol de névoa e de ranca.»

A Póvoa fica á espera e arruma os trastes, depois das contas feitas. Os proprietários que arredaram as cascas um mês pelo preço dum ano, ficam a conhecer as conveniências, fuma a poeira dos balcões e dos prateleiros, ficam á porta, enfastiados o desgostosos; os «Tendrillos» esmorecem, empalidecem e ficam a contar as suas aventuras; os raparigos ficam em casa a embranquecer a pelo queimada de propósito pelos raios do estio e a recordar sobre o *tricot* monótono ou sobre as páginas insipidas de Dolly, algum ideal encontrado e logo desatendido.

E o Inverno desgredhado, desfaz-se em chuva, envolve a terra em névoa braca e arrefece os raios do claro sol que humonou sobre as areias a zanzar e a mullar, e os seus encontros avaremente e castamente agora escondem, sob a imposição da intrasigente moral do... trio.

Elles voltaram, os banhistas da Agosto, com suas carrieiras entulhas e suas miéas pedulárias.

E tu Póvoa do Mar, tendo graça aos seus raios que partiam para o trabalho de embelezar e embalar, durante o seu prazer de um mês e as tuas digestões de um ano.

Entretanto esperas aquece-te á braxeira, como o teu café, e dorme o teu tempo no do de benção.

Rios voltão com o clero si de Agosto... os teus queridos garajaus.

SILVA FRANCO

### Invalidos do Comércio

A moradia que a preciosa instituição «Invalidos do Comércio» sortou no passado dia de Santo António coube, segundo annunciámos, ao número 1.798.

O contemplado é o sr. Jacinto Bernardo da Oliveira, industrial em Lisboa, que está presentemente procedendo á escolha de local para a edificação. A construcção da graciosa vivenda, que terá dois andares e quatro divizões, deverá ser feita em um dos mais aprazíveis arredores da capital.

### Senhora das Dores

Hoje e amanhã realizam-se, nesta praia, as grandiosas festas da Senhora das Dores.